

QUINTA-FEIRA • 08 DE MARÇO DE 2018

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 31694 de 08 de Março de 2018, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

POBREZA, EXCLUSÃO SOCIAL E DESIGUALDADES: BREVE REVISITAÇÃO DE CONCEITOS E ALGUNS DADOS SOBRE PORTUGAL

ARTIGO DE OPINIÃO

MANUEL CARLOS SILVA

SOCIÓLOGO E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DA UNIVERSIDADE DO MINHO

— P. 4-5 —

MÃE DA IGREJA, AQUELA PROCLAMAÇÃO SURPRESA DE PAULO VI

ANDREA TORNIELLI

VATICANISTA

Várias vezes, nos anos de 1959 e 1960, João XXIII apelidou desta forma Nossa Senhora. Paulo VI, no final da segunda sessão dos trabalhos conciliares, manifestou esperança em chegar-se a tal proclamação. Em sessões anteriores do Concílio Vaticano II tinha sido discutida a promulgação em separado de um esquema dedicado a Nossa Senhora ou a respectiva inclusão num capítulo mariológico do esquema *De Ecclesia*. Tinha prevalecido a posição dos bispos alemães e austríacos, que pediram ao teólogo Karl Rahner para preparar um estudo sobre o assunto.

De acordo com Rahner, o texto da Comissão Preparatória, intitulado *Sobre a Santíssima Virgem Maria, Mãe da Igreja*, representava “fonte de grande preocupação” e “teria resultado num dano inimaginável, do ponto de vista ecuménico, tanto no que dizia respeito aos orientais, tanto no que se referia aos protestantes”. O esquema tinha sido reduzido para se tornar um capítulo da Constituição sobre a Igreja, mas a proposta foi aprovada por apenas 17



votos (1.114 a favor, 1.097 contra): no título do capítulo tinham desaparecido, portanto, as palavras “Mãe da Igreja”. A 4 de Setembro de 1964, o cardeal Stefan Wyszyński, primaz da Polónia, em nome do episcopado do seu país, enviou ao Papa uma petição para que fosse renovada a consagração do género humano ao Coração Imaculado de Maria

e a Virgem fosse proclamada “Mãe da Igreja” ou “Mãe dos povos”. Paulo VI solicitou à Comissão doutrinal o estudo da questão e o parecer contrário que esta devolveu foi exclusivamente ligado a razões de “conveniência ecuménica”. “O Cardeal Ottaviani comunicou ao secretário Felici a decisão da Comissão”, lembrava D. Vincenzo

Carbone, “explicando que o voto negativo fora motivado por razões pastorais, psicológicas e ecuménicas”. O órgão doutrinarário tinha, no entanto, reconhecido que o título poderia ser teologicamente permitido. Ao ser informado da decisão da Comissão, o Papa Paulo VI comentou: “Sinto muito, mas paciência”.

A maioria dos padres conciliares, tal como está documentado e é visível pelas intervenções e petições apresentadas na sessão, não era contrária à proclamação. Inesperadamente e por iniciativa própria, o Papa afirmou durante o discurso de encerramento da terceira sessão do Concílio: “Para a glória da Virgem e para o nosso conforto, proclamamos Maria Santíssima, Mãe da Igreja”. A assembleia do clero irrompeu em aplausos.

Não faltaram, no entanto, as críticas, mesmo algumas pesadas, contra a iniciativa papal. Jean Guittou, o filósofo amigo de Paulo VI, presente na Basílica, escreveu que o gesto de Paulo VI parecia o de “um anfitrião que deixa embaraçados os seus convidados”. Os convidados, neste caso, eram os observadores não-católicos. “A decisão do Papa não foi apressada, nem súbita. Ela amadureceu após cuidadosa consideração sobre o debate, longa reflexão e consulta”, lembrou D. Carbone.



PAPA FRANCISCO
@pontifex_pt

6 de Março de 2018

Aprendamos a reconhecer que o que deixa no nosso coração uma boa e duradoura marca é porque vem de Deus.

4 de Março de 2018

Quando nos encontramos no Senhor, pontualmente chegam as surpresas de Deus.

D. JORGE ORTIGA
@djorgeortiga

5 de Março de 2018

Agradeço a todos os que, ao longo deste dia, me enviaram mensagens de felicitações. É bom sentir a vossa presença e afecto. Rezem por mim que eu rezo por cada um de vós.



ESCUTEIRA PORTUGUESA É PORTA-VOZ DE 10 MILHÕES DE RAPARIGAS

A escuteira portuguesa Inês Gonçalves, de 22 anos, foi seleccionada pela Associação Mundial das Guias e das Escuteiras, organismo a que pertence em Portugal, para integrar uma delegação da associação na 62ª Comissão da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre o Estatuto da Mulher, onde foi escolhida como porta-voz de 10 milhões de raparigas. O encontro acontece durante este mês, na sede da ONU, e é o maior evento mundial sobre os direitos e oportunidades das mulheres.



PAPA PAULO VI E ÓSCAR ROMERO: OS NOVOS SANTOS DA IGREJA

O Papa Paulo VI e Óscar Romero, conhecido como “bispo dos pobres”, vão ser santos. De acordo com o anúncio feito pela Santa Sé, ontem, 7 de Março, o Papa Francisco já autorizou a Congregação das Causas dos Santos a promulgar os decretos que reconhecem os milagres atribuídos aos dois beatos. Em Junho de 1963, Giovanni Battista Montini foi eleito Papa. Foi o primeiro Pontífice a fazer viagens internacionais, uma delas a Fátima. Óscar Romero nasceu em El Salvador, em 1917, e foi assassinado em Março de 1980.



PAPA FRANCISCO INSTITUI MEMÓRIA DE MARIA NO CALENDÁRIO LITÚRGICO

O Papa Francisco publicou um decreto que determina a inscrição da Memória da “Bem-aventurada Virgem, Mãe da Igreja” no Calendário Romano Geral. A Memória será celebrada na segunda-feira depois do Pentecostes, este ano a 21 de Maio. “Esta celebração ajudará a lembrar que a vida cristã, para crescer, deve ser ancorada no mistério da Cruz, na oblação de Cristo no convite eucarístico e na Virgem, Mãe do Redentor e dos redimidos”, é possível ler no decreto assinado pelo Prefeito do Dicasterio, o cardeal Robert Sarah.

CPM.. UM CAMINHO QUE NOS DESAFIA

FILIPA NEVES E JOSÉ CUNHA

NOIVOS

É sempre difícil dar um testemunho sobre algo que no início não nos dizia nada, mas que no final nos disse muito. Este é o nosso testemunho. Um casal de noivos que, como outros casais, se questionou acerca da verdadeira utilidade de um CPM (Centro de Preparação para o Matrimónio). Bem, quando dizemos “questionou”, temos de referir que o meu noivo é que se questionou! Ele colocou entraves do género “não vou lá aprender nada”, ou então, a rir: “Olha, queres ver que o CPM é que vai fazer com que as relações durem...”.



Ele teve uma postura um pouco mais retraída. Eu, com uma mente mais aberta e mais predisposta a explorar novas experiências, incentivei, pois sentia que seria bom enquanto casal participarmos num evento deste género e que, se não fizesse bem, com certeza mal também não iria fazer.

A verdade é que na primeira sessão do CPM as ideias que foram pré-concebidas ao longo de algum tempo foram desaparecendo. A minha noiva dirigia-me um olhar que eu bem conheço e que dizia: “Estás a ver? Diz lá que isto vai ser chato...”. Agradou-nos bastante a postura dos casais animadores, casais de faixas etárias diversificadas e com diferentes experiências de vida. Um registo descontraído de todo o evento fez com que as pessoas se sentissem realmente bem. Na parte final de cada encontro o sacerdote partilhava connosco algo sobre os temas abordados. Esta parte foi, a nosso ver, interessante porque achamos que todos os noivos presentes pensaram algo do género: “Muito bem, mas que pode perceber um padre sobre a vivência do casamento?”. Pois bem, vamos confidenciar-vos algo totalmente inesperado: um padre pode não saber o que são os meandros de

um casamento, mas pode falar durante horas sobre o que realmente nos pode levar a um casamento feliz: o amor. É incrível o que podemos aprender sobre o amor, respeito e compreensão no casamento com um padre!

Para nós, a verdadeira vitória de todos os organizadores do CPM, (deixamos aqui um agradecimento especial ao nosso casal animador Filomena e Mário), foi o facto de no segundo encontro já não irmos com o sentido de obrigação, mas sim com o prazer e a vontade de nos reencontrarmos. O noivo, que se sentiu “obrigado” a ir ao primeiro encontro no Sábado... correspondeu de forma natural aos Sábados que se seguiram.

Os temas abordados nos seis encontros surpreenderam-nos bastante. Temas

muito actuais que podem gerar controvérsia e que foram discutidos no seio do grupo. Foi interessante ver a forma como cada casal analisava as questões propostas! Mais importante ainda é o reconhecimento da importância de respeitarmos a opinião dos demais, pois não há respostas de sentido único!

É importante que o CPM tenha várias sessões e

não apenas uma ou duas. Dizemos isto porque quando existe mais tempo de partilha e convívio, apercebemo-nos que os casais pensam de formas diferentes uns dos outros, sem que isso signifique que uns estão errados e outros certos. Podem existir dois caminhos para se chegar a um fim comum. Experiência bastante enriquecedora. Gostámos bastante dos casais com quem nos cruzamos e se existirem mais contactos (certamente existirão) poderemos ter criado um bom grupo para crescermos... e convivemos.

Podemos dizer-vos, com a experiência que vivenciamos, que frequentar o CPM não nos vai garantir um casamento perfeito, não vai impedir as discussões em casal, nem mesmo impedir que as pedras apareçam no nosso caminho. Mas cabe-nos, enquanto casal, saber extrair o que de bom foi partilhado, através dos exemplos que nos foram dados, e aplicá-los na nossa vida.

Em jeito de brincadeira, dizemos que o CPM é um “abre olhos”. Abre os olhos para o que de bom a vida tem! A felicidade encontra-se nas nossas atitudes e na nossa capacidade de abertura ao outro...e aos outros.

MISSÃO, MULHERES E DIGNIDADE HUMANA

MARTA OLIVEIRA

CENTRO MISSIONÁRIO ARQUIDIOCESANO DE BRAGA (CMAB)

Ao partirmos em missão, somos convidados a agir no amor de Deus, a viver e a ser testemunho da Sua esperança e bondade. A missão desperta-nos para a importância de acolher a beleza da humanidade, as pessoas, e leva-nos a um encontro onde ousamos sentir o pulsar de um povo que nos acolhe na alegria.

Seja em terras longínquas, exóticas, seja na nossa comunidade paroquial, o compromisso missionário aparece sempre ligado ao reconhecimento da dignidade da pessoa humana. Essa dignidade não é algo que se possa adquirir. É nossa, pertence-nos e ninguém tem o direito de a retirar ou comprimir.

O Papa Francisco, na sua viagem ao Chile, em Janeiro último, encontrou-se com cerca de 500 reclusas do Estabelecimento Prisional de Santiago, na capital do país, onde afirmava que a privação de liberdade não deve significar a privação da dignidade. Como ninguém deve ficar privado dela, pediu-nos igualmente para cuidar e acariciar cada pessoa.

A missão, enquanto serviço às pessoas e à sua dignidade intrínseca, acalenta o sonho de que é possível transformar o mundo, no respeito, solidariedade e na fraternidade. Esse partir mostra-nos rostos que nos transformam e nos motivam a sermos cada vez mais fortes e comprometidos. Muitos deles são de mulheres: grandes testemunhos de enormes corações, que lutam, dia após dia, por um futuro melhor.

Conheci a mãe Laurinda quando passei o mês de Agosto, em 2008, no Chinguar, bem no seio do planalto central de Angola. Era uma verdadeira mãe africana: dos seus filhos, mas também de uma aldeia inteira. Cozinheira na missão do Chinguar, cumpria as restantes tarefas com um belo sorriso no rosto e uma bondade, de imediato, visível. Sempre pronta para ajudar quem precisasse, a mãe Laurinda tinha sempre uma receita à mão perante alguma dificuldade. “Tudo passa”, repetia.

Em 2014, rumei à Guiné-Bissau, onde conheci duas angélicas. Também cozinheiras, ambas recebiam as pessoas com enorme simplicidade. Apercebi-me da sua entrega à missão à medida que as conhecia nas tarefas e nas partilhas do dia-a-dia: mulheres determinadas em aprender sempre mais, para terem o que partilhar com as suas famílias e comunidades.

Da Guiné, guardo igualmente no meu coração, com alegria e ternura, o testemunho da Irmã Sílvia. O olhar dela transparecia humanidade, numa comunidade em que a palavra “irmã” era dita tantas vezes por tantas crianças, sempre com a certeza de que seriam acolhidas com imenso amor. Com a Irmã Sílvia, senti a grandeza de se ser instrumento de Deus, para semear alegria no rosto do outro e ser-se construtor de um mundo de esperança.

Duas destas mulheres lutadoras que encontrei já morreram: a mãe Laurinda, em Fevereiro de 2009, e uma das angélicas, a Novembro de 2016. Ambas marcaram as suas comunidades pelo serviço ao próximo: viveram como mulheres africanas, mulheres missionárias, comprometidas com a defesa e o respeito dos valores humanos, acalentando o sonho de que é possível transformar o mundo num lugar melhor para todos.



FILIPA CORREIA | DDCS

POBREZA, EXCLUSÃO SOCIAL E DESIGUALDADES: BREVE REVISITAÇÃO DE CONCEITOS E ALGUNS DADOS SOBRE PORTUGAL

MANUEL CARLOS SILVA*

SOCIÓLOGO E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE CIÊNCIAS SOCIAIS
(CICS.NOVA_UNIVMINHO)



Apesar de arautos do atual sistema capitalista proclamarem repetidamente estarmos perante uma sociedade democrática e de igualdade de oportunidades, solidária e de bem-estar, a existência da pobreza não é apanágio apenas do chamado Terceiro Mundo, mas está bem presente quer nos Estados Unidos com cerca de 45 milhões de pobres, quer na própria União Europeia (UE) com cerca de 85 milhões. Mais, dada a carga recriminatória de atribuição da pobreza a países centrais que se ufanavam da sua “sociedade da abundância”, eis que os mesmos arautos, confrontados com a contradição entre os discursos encomiásticos ao sistema e a realidade crua e cruel da pobreza, abandonaram gradualmente o conceito de pobreza para introduzir o conceito mais polissémico e ambíguo de exclusão social, reivindicando a originalidade do modelo social europeu de inclusão social e empoderamento, conceitos aliás criados pelos clássicos da Sociologia.

Analisando a pobreza na esteira de Amartya Sen (1999.24 ss) em *Desenvolvimento como Liberdade*, relevam três eixos centrais: (i) o de subsistência, (ii) o de desigualdade e (iii) o de externalidade. Se o primeiro eixo remete descritivamente para um mínimo nutricional vital necessário à sobrevivência físico-biológica dos seres humanos, abaixo do qual está em causa a vida humana, o segundo é estrutural e relacional, não podendo

falar-se de pobreza e de pobres sem se falar de riqueza e de ricos, ou, melhor, de acumulação de capital, gerador de pobreza.

O conceito de exclusão social, como o de solidariedade, apresenta contextualizações, interpretações e alcances práticos diferentes conforme a tradição sociológica ou concepção doutrinária política em que cada um se insere. Se a perspectiva durkheimiana define a exclusão social como perda do laço socio-moral e resultaria da anomia social devido à divisão forçada do trabalho e à supremacia da densidade material ou económica sobre a densidade moral, já para a abordagem simmeliana ela seria efeito de processos de clivagem/exclusão de forâneos por autóctones e para a weberiana proviria ora de formas de competição nos diversos tipos de mercado, ora de fechamento social de certos grupos que monopolizam ou restringem o acesso a determinados bens, funções e saberes, recursos e recompensas em detrimento de outros. Por sua vez, para a abordagem interacionista simbólica a exclusão social derivaria de processos de rotulagem, discriminação ou marginalização social dos indivíduos ditos desviantes por parte da sociedade, dos “normais”, sobretudo os “empreiteiros da moral”. Por fim, para a visão marxista a exclusão social, sendo resultante da desigualdade estrutural assente na contradição entre o carácter social da produção e a apropriação

privada do produto pelas diversas frações do capital, abrangeria não só os grupos sociais mais vulnerabilizados e pobres, mas também os assalariados dependentes.

Mesmo que ambíguo e polissémico, o conceito de exclusão social situa-se nos antípodas do de cidadania e implica não inclusão, não-inserção e/ou não integração no acesso e gozo de determinados direitos (cívico-políticos, culturais e socio-económicos), podendo distinguir-se quatro tipos de exclusão: (i) económica, enquanto privação de recursos em função da subsistência (insatisfação das necessidades básicas, desemprego ou emprego precário, nulo ou baixo rendimento, ausência e/ou baixo nível de escolaridade, falta de habitação e/ou precária), afetando subsídio-dependentes, pessoas sem

abrigo ou moradores de bairros degradados, famílias monoparentais; (ii) social, enquanto perda ou diminuição de relações sociais (idosos, deficientes, doentes crónicos); (iii) cultural-simbólica, enquanto manifestação de formas de discriminação, estigmatização ou segregação de grupos minoritários (toxicodependentes, alcoólicos, [ex] reclusos, prostitutas, minorias étnicas e religiosas); (iv) política, com forte diminuição ou até destituição quanto à participação e capacidade de decisão nos mecanismos e nas esferas do poder.

Por fim, o conceito de desigualdade social – preferível ao de exclusão – pressupõe a apropriação ou usurpação privada de bens, recursos e recompensas, implicando concorrência e luta em relação à posse e distribuição dos mesmos.

Um eixo marcante da sociedade portuguesa, salientado por vários especialistas (1), é o considerável grau de pobreza que a diferencia, por um lado, do maior volume de pobreza presente nos países do Terceiro Mundo, e, por outro, da situação dos países ditos desenvolvidos do centro. Em 1996 Portugal era o país da União Europeia com o mais elevado índice de desigualdade na distribuição dos rendimentos: 39% vs 23% na Dinamarca e vs 31% na média europeia, mantendo-se ainda elevada em 2009 e 2015, respetivamente 33,9% vs 30,5% e 34% vs 31%, sendo um dos países mais desiguais e um dos seis países na

As políticas sociais, embora aliviem aspetos mais dramáticos de situações de pobreza, não resolvem as desigualdades estruturais na sociedade.



Sendo o trabalho percebido como um bem valorizado, o desemprego é uma forma de degradação e exclusão social

UE com maior incidência de pobreza (22% em 1996, 18% em 2007, 19,6% em 2011, 19,5% em 2015, 19% em 2016) e com índices maiores de privação material (22,5% vs 17,5% na UE27). O fosso entre 10% mais ricos e os 10% mais pobres passou de 7.8 vezes em 1980 para 9.2 em 1995, possuindo os primeiros um rendimento maior que o dos 50% mais pobres (27,6% vs 26,8%); e, embora reduzindo, ainda em 2015 o rendimento familiar disponível entre os 20% mais ricos e os 20% mais pobres era 6 vezes superior (vs 5,2 da média na UE). Quanto a grupos etários, a pobreza incide e incide mais não só sobre idosos (21% vs 16% UE27) e sobre jovens e crianças, com índice calculado em 24,1% vs 20,8% na UE **(2)**.

Considerando o índice de paridade de poder de compra na UE, constatamos uma escala que vai de 25,5% para a Albânia a 276,2% para o Luxemburgo, situando-se Portugal em 77,3%. No país, tomando a incidência da pobreza por regiões, enquanto Algarve, Lisboa-Vale do Tejo e Alentejo apresentam com índices de pobreza inferiores à média nacional de 0,173 (respetivamente 0,147, 0,158 e 0,158), as restantes detêm taxas superiores: Norte com 0,176, Madeira com 0,188, Centro com 0,189 e Açores com 0,203 (Rodrigues et al, 2012:45).

Um outro indicador gerador de pobreza é o desemprego. Sendo o trabalho percebido como um bem valorizado, o desemprego é uma forma de degradação e exclusão social, na medida em que

origina angústias e desestruturas sociais entre os desempregados. Portugal tem conhecido um agravamento do fenómeno, passando de 4% em 1974 para 10.4% em 1985 e, salvo uma descida para 4.8% em 1991, viria a subir novamente para 8.3% em 1994, descendo para 5% em 2002 para voltar a subir exponencialmente: 7.6% em 2005, 10,8% em 2010 e 16,2% em 2013, conhecendo todavia uma gradual descida desde 2014 até 2017 com 8.9% já com o governo PS apoiado pelo BE, PCP e PEV (não obstante o aumento do desemprego de longa duração: 27.9% em 1991, 41.5% em 1996, 47% em 2001, 53,1% em 2011, 59% em 2017). Ao desemprego acresce uma elevada taxa de contratos precários a termo certo que se elevam a 22% **(3)**.

Relativamente à habitação, se graças à autoconstrução, aforro e crédito à habitação triplicou desde 1974 o número famílias com casa própria, ainda que muitas endividadas ou insolventes,

Em termos de educação, sendo de relevar os progressos em termos quantitativos e até qualitativos (descida do analfabetismo e do abandono escolar, alargamento da rede pré-escolar e da escolaridade no ciclo básico, secundário e ensino superior), também aqui persistem défices e mesmo desigualdades: 5% de analfabetismo, 14% de abandono escolar, 88% de pre-escolarização vs países com 100%. A par de alguma ascensão social de filhos das classes populares, mantém-se a reprodução das desigualdades dentro e fora da escola por estratégias de distinção de classes dominantes e aplicação de racionalidades educativas homogêneas e monoculturais a populações social e cultural heterogêneas. Por fim, correlacionando a escolaridade com a pobreza constatamos que quanto mais baixo for o nível de escolaridade maior o risco de pobreza (19% em pessoas com 9 ou menos anos vs 8% com o ensino

das classes dominantes no sentido de anestesiar os explorados e a anular-lhes o potencial revolucionário.

Se face à primeira e segunda concepções presidem interesses de classes dominantes e à terceira um desvio dogmático pseudomarxista, importa todavia sublinhar que são justamente as políticas neoliberais desreguladoras que reproduzem as desigualdades sociais. As políticas sociais, embora aliviem aspetos mais dramáticos de situações de pobreza, não resolvem as desigualdades estruturais na sociedade. No entanto, tais políticas sociais deverão ser defendidas e ampliadas na medida em que são conquistas resultantes das lutas sociais travadas pelos movimentos sindicais e outros. E, nesta base, embora por razões diferentes, podem confluir numa plataforma teóricos e organizações inspiradas quer numa abordagem neo-institucional social-democrata, quer numa perspectiva (neo) marxista de graduais melhorias mas num horizonte de emancipação social.



Quanto mais baixo for o nível de escolaridade maior o risco de pobreza (19% em pessoas com 9 ou menos anos vs. 8% com o ensino secundário e 3% com ensino superior)

não é possível obnubilar, sobretudo nas grandes e médias cidades dezenas de milhares famílias em barracas e alojamentos precários, sem condições sanitárias e higiénicas mínimas nem redes de abastecimento de água, com crescentes fenómenos de gentrificação, segregação e ostracização de famílias mais pobres para fora da cidade.

No que concerne a saúde e bem-estar, se importa salientar a conquista e consolidação do serviço nacional de saúde com base no princípio da universalidade e avanços na descida da mortalidade infantil (2.9% vs UE com 3.6% em 2016) e no aumento da esperança de vida (80 anos vs 80.6 na UE), verifica-se ser a saúde cada vez mais objeto de negócio lucrativo através de parcerias público-privadas, os serviços e profissionais de saúde estarem mais concentrados nas médias e grandes cidades em detrimento do interior urbano e sobretudo rural.

secundário e 3% com ensino superior) (Carmo et al, 2010:18ss).

Concluindo, praticamente todos os agentes institucionais e partidários são defensores da erradicação da pobreza, mas não se entendem nem nos diagnósticos nem nas propostas e soluções. A conceção conservadora e assistencialista tem um carácter restaurador e reproduz as relações paternalistas e patrocinais de “protetores” e “beneméritos” face aos pobres “assistidos”. A visão (neo)liberal, pugnando por um Estado mínimo no quadro da lei da oferta e procura no mercado de trabalho, perspetiva as políticas sociais como incitadoras à preguiça e à marginalidade de pobres subsídio-dependentes. Uma certa visão marxista ortodoxa, procurando mostrar a incongruência entre as liberdades formais e a falta de garantias dos direitos económicos e sociais, tende a encarar o Estado e seus agentes como cúmplices

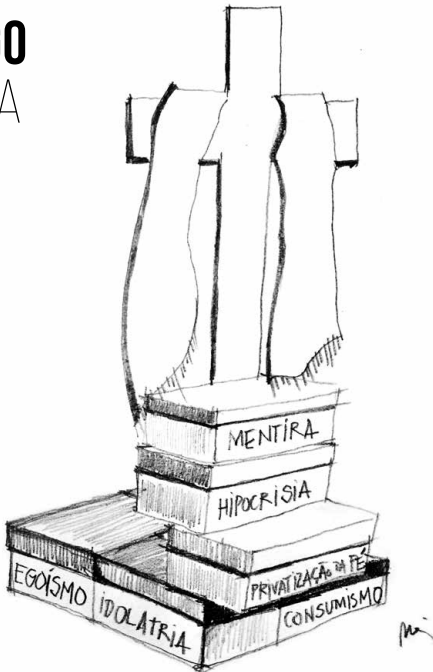
(1) Cf. entre outros, A.B. da Costa et al. (1985) A Pobreza em Portugal, Lisboa: Caritas, J.F.Almeida et al. (1992), Exclusão social. Factores e tipos de pobreza em Portugal, Oeiras: Celta, L. Capucha (1998), “Pobreza, exclusão social e marginalidades” in J.M.L. Viegas e A. F. Costa (orgs), Portugal, que modernidade?:245-283, Oeiras:Celta, R. Carmo et al. (2010), Desigualdades Sociais 2010, Lisboa: Editora Mundos Sociais, C.F. Rodrigues et al. (2012) Desigualdade económica em Portugal, Lisboa: FFMS.

(2) Cf. Eurostat, INE, Pordata 2009 e 2015, L.Barreiros (1996), Inquérito do Eurostat, L. Capucha (1998:215ss), C.F. Rodrigues et al, 2012:48,75, idem, M.Sarmiento e F.Veiga (2011), Pobreza Infantil. Realidades, Desafios, Propostas, Húmus: V.N. Famalicão, A. B.Costa et al (2012), M:C.Silva (2013), “Pobreza, exclusão e desigualdade” in R. Varela (org) A Segurança Social é sustentável, Lisboa: Bertrand. Se considerarmos os 5% mais ricos com 16,2% de riqueza vs 1,1% ganho pelos 5% mais pobres, os primeiros auferem 14,4 vezes mais do que os segundos (Rodrigues et al. 2012:29, idem).

(3) A. Barreto et al. (1996) A situação Social em Portugal, 1960-1995, Lisboa:ICS, L.Capucha (1998), idem, INE e Pordata, 1985-2012.F. Diogo et al (2015) Pobreza em Portugal: contextos, transformações e estudos V.N.Famalicão: Húmus.

“E QUANDO EU FOR ELEVADO DA TERRA, ATRAIREI TODOS A MIM”

V DOMINGO
QUARESMA



ITINERÁRIO

ATITUDE: Libertar

CONCRETIZAÇÃO: Neste tempo da Quaresma, queremos percorrer um caminho interior para “libertar” os pesos que bloqueiam o nosso caminhar (interior). Para traduzir este caminhar, propõe-se que, aos pés da cruz de cor roxa (ou revestida com um pano roxo), se coloque a caixa de sapatos, pintada de cor roxa, com a expressão “EGOÍSMO”.

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *Deus, vinde em meu auxílio*, F. Silva (NRMS 53 | IC, p. 75)
- **PRE.PENITENCIAL:** *Irmãos, convertei*, P. Lécot
- **APRES. DONS:** *Espero em Deus: Ele ouviu*, M. Carvalho (NRMS 105 | IC, p. 216)
- **COMUNHÃO:** *Se alguém quiser seguir-Me*, C. Silva
- **FINAL:** *Ó Cruz bendita*, M. Borda (NRMS 43 | IC, p. 231)

EUCOLOGIA

- **ORAÇÕES PRESIDENCIAIS:** Orações próprias do V Domingo da Quaresma.
- **PREFÁCIO E ORAÇÃO EUCARÍSTICA:** Oração Eucarística I das Missas da Reconciliação com prefácio próprio.

VIVER NA ESPERANÇA

Todos os dias somos desafiados mais ou menos intencionalmente a tomar decisões e a fazer escolhas. Todos os dias morremos para umas escolhas e vivemos para outras. Durante esta semana, optaremos por “morrer” para escolhas egoístas, sobretudo aquelas que arrebatam toda a nossa atenção, como o uso do telemóvel, e nessas horas levantaremos o nosso olhar e o trabalho das nossas mãos para quem está mais próximo, seja a mãe que cozinha ou limpa, o pai que trabalha no campo ou no quintal, o irmão que brinca ou joga sozinho, o avô ou a avó que precisa de ser ouvido, o vizinho que não tem amigos ou vive sempre fechado em si mesmo, o desconhecido que nunca recebe um “bom dia”, a pessoa mais idosa que precisa de quem a ajude a caminhar, a comer ou a beber...

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I JER 31, 31-34

Leitura do Livro de Jeremias

Dias virão, diz o Senhor, em que estabelecerei com a casa de Israel e com a casa de Judá uma aliança nova. Não será como a aliança que firmei com os seus pais, no dia em que os tomei pela mão para os tirar da terra do Egito, aliança que eles violaram, embora Eu tivesse domínio sobre eles, diz o Senhor. Esta é a aliança que estabelecerei com a casa de Israel, naqueles dias, diz o Senhor: Hei-de imprimir a minha lei no íntimo da sua alma e gravá-la-ei no seu coração. Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Já não terão de se instruir uns aos outros, nem de dizer cada um a seu irmão: “Aprendei a conhecer o Senhor”. Todos eles Me conhecerão, desde o maior ao mais pequeno, diz o Senhor. Porque vou perdoar os seus pecados e não mais recordarei as suas faltas.

SALMO RESPONSORIAL SALMO 50 (51)

Refrão: Dai-me, Senhor, um coração puro.

LEITURA II HEBR 5, 7-9

Leitura da Epístola aos Hebreus

Nos dias da sua vida mortal, Cristo dirigiu preces e súplicas, com grandes clamores e lágrimas, Àquele que O podia livrar da morte e foi atendido por causa da sua piedade. Apesar de ser Filho, aprendeu a obediência no sofrimento e, tendo atingido a sua plenitude, tornou-Se para todos os que Lhe obedecem causa de salvação eterna.

EVANGELHO JO 12, 20-33

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Naquele tempo, alguns gregos que tinham vindo a Jerusalém para adorar nos dias da festa, foram ter com Filipe, de Betsaida da Galileia, e fizeram-lhe este pedido: “Senhor, nós queríamos ver Jesus”. Filipe foi dizê-lo a André; e então André e Filipe foram dizê-lo a Jesus. Jesus respondeu-lhes: “Chegou a hora em que o Filho do homem vai ser glorificado. Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica só; mas se morrer, dará muito fruto. Quem ama a sua vida, perdê-la-á, e quem despreza a sua vida neste mundo conservá-la-á para a vida eterna. Se alguém Me quiser servir, que Me siga, e onde Eu estiver, ali estará também o meu servo. E se alguém Me servir, meu Pai o honrará. Agora a minha alma está perturbada. E que hei-de dizer? Pai, salva-Me desta hora? Mas por causa disto é que Eu cheguei a esta hora. Pai, glorifica o teu nome”. Veio então do Céu uma voz que dizia: “Já O glorifiquei e tornarei a glorificá-l’O”. A multidão que estava presente e ouvira dizia ter sido um trovão. Outros afirmavam: “Foi um Anjo que Lhe falou”. Disse Jesus: “Não foi por minha causa que esta voz se fez ouvir; foi por vossa causa. Chegou a hora em que este mundo vai ser julgado. Chegou a hora em que vai ser expulso o príncipe deste mundo. E quando Eu for elevado da terra, atrairei todos a Mim”. Falava deste modo, para indicar de que morte ia morrer.



REFLEXÃO

*Fazei-me justiça, meu Deus,
defendei a minha causa contra a gente sem piedade,
livrai-me do homem desleal e perverso.
Vós sois o meu refúgio.*

Salmo 42, 1-2

O Quinto Domingo da Quaresma (Ano B) ajuda-nos a perceber o significado da morte salvadora de Jesus Cristo. Ele, por amor, dá a vida, ainda que tenha de atravessar o sofrimento e a morte. Nele se percebe que a “justiça” de Deus se revela de forma paradoxal. Mas Deus jamais deixa de ser defesa e refúgio para os que são fiéis à sua vontade. Com Jesus Cristo aprendemos, nas suas palavras e na própria vida, que dar e receber estão interligados. O ser humano recebe a vida (divina) na medida em que se dispõe a dar a vida (humana) aos outros.

“E quando Eu for elevado da terra, atrairei todos a Mim”

Queres ver Jesus? Este é, por certo, um desejo que toca o coração de todos os cristãos, de cada um de nós. Curiosamente, a resposta a este desejo é dada através de imagens: se me queres ver, diz Jesus, contempla o grão de trigo, deixa que o teu coração mergulhe no dinamismo da cruz.

Poucos dias antes de morrer na cruz, Jesus Cristo clarifica onde se encontra a plenitude da vida. É uma aparente contradição, o habitual paradoxo, que nos revela algo essencial: a vida entregue, “desprezada” por amor, é fonte de plenitude, eternidade. A vida de uma mãe que se consome por causa do seu filho, a vida de uma pessoa que se gasta na visita aos doentes ou abandonados, a vida de um voluntário que se entrega ao serviço dos outros, a vida de quem se dá sem reservas... são as vidas que transportam em si o fruto da plenitude, a eternidade.

Assim se entende que a Nova e Eterna Aliança entre Deus e a Humanidade seja consumada na cruz. A cruz que Jesus Cristo apresenta como fonte de vida. Do alto da cruz, há-de chegar a salvação a todo o mundo, todos serão atraídos por esse dom salvador: “E quando Eu for elevado da terra, atrairei todos a Mim”. A atracção só acontece através da vida luminosa, a que faz com que a escuridão da pobreza, da solidão, da injustiça, do racismo, da exclusão social, da violência, do egoísmo, dê lugar à luz da solidariedade, da liberdade, da igualdade, da justiça, do amor, da paz.

Egoísmo

Hoje, mais do que nunca, o nosso testemunho, a nossa maneira de agir de acordo com as palavras e a vida de Jesus Cristo, o não procurar o benefício egoísta, mas o aproximar-se dos outros, colocar-se ao serviço, partilhar, ser solidários, podem ser pequenos ou grandes sinais de luz e de vida no meio das trevas. Na recta final do itinerário quaresmal, somos convidados a renunciar ao peso do egoísmo. O exemplo de tantos homens e mulheres, ontem como hoje, ajuda-nos a entender que é possível o mundo novo marcado pelo altruísmo, quando se morre para os apetites imediatos e se dispõe a vida para gerar a semente do amor.

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ELEMENTOS CELEBRATIVOS A DESTACAR

DESPERTAR A ESPERANÇA

[Introdução ao espírito celebrativo]

Todos nós queremos ter razão. Dificilmente abdicamos das nossas vontades e também não estamos habituados a perder. A Quaresma vem, uma vez mais, recordar-nos que nem sempre existe dentro de nós a solidariedade necessária para que o outro viva, para que haja vida à nossa volta. O grão de trigo que sabe morrer, que sabe amar, alerta-nos que a caminhada cristã não é compatível com o “orgulhosamente só” que se reflecte em tantas atitudes e comportamentos nossos. Morrer para o secundário da vida é garantia de que podemos deixar que o nosso irmão consiga viver com o essencial.

ENRAIZAR A ESPERANÇA

[Dinâmica própria do Tempo Litúrgico]

1. Preparação Penitencial

[Admonição] Quem quer ir mais rápido vai sozinho, mas quem quer chegar mais longe caminha com o outro. Este é um princípio certo que nos recorda que o caminho de Jesus insere-nos na beleza e na exigência de uma comunidade. O espírito de Igreja desafia a uma constante conjugação de carismas, vontades e saberes. Viver na lógica da reciprocidade de dons é a garantia de que recebemos muito mais do que aquilo que damos. Já na recta final desta caminhada penitencial, somos chamados a renunciar à lepra do egoísmo que, a seu tempo, nos isola e empobrece. Quando sabemos morrer para alguns dos nossos apetites e vontades, para o que é supérfluo e secundário, estamos a dar oportunidade para que o outro, nosso irmão, nasça de novo.

Após a admonição, colocar uma caixa de sapatos, de cor roxa, junto da cruz, com a respectiva palavra que identifica o peso/pecado, enquanto se entoa um cântico apropriado. Guardam-se alguns momentos de silêncio. De seguida, o sacerdote diz: “Em verdade, confessemos-nos pecadores – Confesso...”. Depois continua:

V/ Senhor, tende piedade de nós.

R/ Senhor, tende piedade de nós.

V/ Cristo, tende piedade de nós.

R/ Cristo, tende piedade de nós.

V/ Senhor, tende piedade de nós.

R/ Senhor, tende piedade de nós.

2. Proclamação da Palavra

[Primeira Leitura] Na preparação da leitura, deve ter em consideração que pode usar a expressão “diz o Senhor”, repetida três vezes, como divisão e motivo para uma pausa mais alongada.

[Segunda Leitura] Uma passagem curta, que deve ser lida pausadamente para que o ouvinte tenha tempo de escutar bem a principal mensagem. Sublinhe-se com algum ênfase a última expressão: “tornou-Se para todos os que Lhe obedecem causa de salvação eterna.”

3. Momento Pós-Comunhão

Rezar o poema “Há um Reino semeado nos campos do mundo”, sugerido na caminhada “Passos de Esperança”.

PARTILHAR A ESPERANÇA

[Indicações para a reflexão partilhada na homilia]

. Uma vez chegados a Jerusalém, somos confrontados com o distintivo fundamental do cristão, a necessidade de se encontrar com Jesus. O caminho de libertação, trilhado ao longo do tempo da Quaresma, faz com que abandonemos tudo aquilo que obscurece o nosso olhar e nos impede de ver o Mestre, que se faz presente na atitude de cada discípulo, a exemplo de Filipe e André, e na manifestação de fé de cada comunidade. (...)

A VERSÃO COMPLETA DO SUBSÍDIO LITÚRGICO ENCONTRA-SE
DISPONÍVEL EM WWW.ARQUIDIOCESE-BRAGA.PT/LITURGIA/

r elevado da terra,
nhairei todos a Mim”

5 QUARESMA B . 2018

LABORATORIODAFE



NOMEAÇÕES ECLESIASTICAS

Dom Jorge Ferreira da Costa Ortiga, por mercê de Deus e da Santa Sé, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas;

Perante novas necessidades pastorais e procurando responder às suas exigências, hei por bem proceder às seguintes nomeações:

Padre Nuno Miguel Lopes de Almeida Teixeira e Melo, dispensado, a seu pedido, das paróquias de Santo André de Gondizalves, São João Baptista de Semelhe e São Paio de Parada de Tibães, Arciprestado de Braga.

Padre Manuel José Ribeiro Pinheiro, nomeado Administrador Paroquial de São João Baptista de Semelhe, Arciprestado de Braga, em acumulação com São Miguel de Cabreiros e São Julião de Passos, do mesmo Arciprestado.

Padre Albano de Sousa Nogueira, nomeado Administrador Paroquial de Santo André de

Gondizalves, Arciprestado de Braga, em acumulação com Santa Maria de Panoias, São Miguel de Frossos e São Martinho de Dume, do mesmo Arciprestado.

Padre João Pereira Monteiro, I.M.C., e **Padre Kennedy Owuor Orero**, I.M.C., nomeados Administradores Paroquiais, de São Paio de Parada de Tibães, Arciprestado de Braga, em acumulação com Santa Maria de Palmeira, do mesmo Arciprestado.

Padre Fernando Bento da Costa e Sousa, nomeado Administrador Paroquial, de São Martinho de Valbom e de Divino Salvador de Valdreu, Arciprestado de Terras de Bouro, em acumulação com a paroquialidade de Vilar, Chamoim e Moimenta-Covas, do mesmo Arciprestado.

Padre João Manuel Pinheiro Antunes, dispensado, a seu pedido, da paróquia de São Tiago de Carapeços, Arciprestado de Barcelos,

continuando como Pároco de Santa Leocádia de Tamel, Divino Salvador de Vilar do Monte e São Tiago de Creixomil do mesmo Arciprestado.

Padre Manuel Martins Novais Ferreira, Congregação do Espírito Santo, nomeado Administrador Paroquial, de São Tiago de Carapeços, Arciprestado de Barcelos.

Padre José Adílio Barbosa de Macedo, dispensado, a seu pedido e por razões de saúde, da paroquialidade de Santa Eulália de Oliveira, Arciprestado de Barcelos.

Padre Júlio Machado Loureiro, nomeado Administrador Paroquial, de Santa Eulália de Oliveira, Arciprestado de Barcelos, em acumulação com São Veríssimo de Tamel do mesmo Arciprestado.

Braga e Cúria Arquiepiscopal,
8 de março de 2018

† Jorge Ferreira da Costa Ortiga,
Arcebispo Primaz

AGENDA

09.03.2018

"24 HORAS PARA O SENHOR"
20h00 / Igreja de S. João do Souto

CICLO DE CONFERÊNCIAS "NOVA ÁGORA": "OLHARES SOBRE A CIDADANIA E RESPONSABILIDADE SOCIAL"
21h00 / Espaço Vita

10.03.2018

JORNADAS DE ARQUIVO
09h30 / Centro Pastoral Paulo VI, Fátima

INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO "JESUS CRISTO - O SEU TESTEMUNHO DE ESPERANÇA"
09h30 / Irmandade de Santa Cruz



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, Ricardo Rio, Presidente da Câmara Municipal de Braga.



Fale connosco no Facebook

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Paulo Terroso, Pe. Tiago Freitas, Filipa Correia, Flávia Barbosa)
Design: Romão Figueiredo
Multimédia: Ana Marques Pinheiro
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



HENRI J. M. NOUWEN

O Esvaziamento de Cristo

A obra "O Esvaziamento de Cristo: Movimento descendente e vida espiritual" trata-se de um "guia inspirado para ministros da Igreja e para todos os que queiram percorrer o caminho do discipulado". O autor recorda a mensagem de Jesus, reflectindo sobre o chamamento a imitar o exemplo de "movimento descendente" de Cristo. Como preparação para esse caminho, Henri Nouwen descreve as "disciplinas de formação espiritual", representadas pela Igreja, pela Palavra de Deus e pelos impulsos do coração. As pinturas do padre alemão Sieger Köder ilustram o livro.

PVP
8,68 €

10%
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 08 a 15 de Março de 2018.